

O fim da era Bush e Obama: uma nova era para os Estados Unidos, sua política externa e sua sociedade?

Parte 1

João Fábio Bertonha

Escrevo estas linhas numa fria tarde em Madrid, no dia da posse do novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. A televisão espanhola transmite a cerimônia, realmente impressionante, e a sensação que se passa, na mídia europeia, é de imenso alívio pelo fim da administração Bush e o começo de uma nova era. Parece razoável supor que, salvo exceções pontuais, o mesmo sentimento se repete em todo o planeta.

O alívio pelo fim da era Bush é, a meu ver, totalmente compreensível. Em quase todas as administrações, por mais que não apreciemos a ideologia de quem está no poder ou avaliemos negativamente seu governo como um todo, sempre é possível encontrar um ponto positivo, algo que valha a pena elogiar. No caso de George W. Bush, com a possível exceção do aumento da ajuda para combater a AIDS na África, pouco resta a comemorar. Alguns historiadores norte-americanos dizem que ele será considerado o segundo pior presidente da história do país, perdendo apenas para o presidente Buchanan, que não conseguiu apagar o incêndio que levou à guerra civil no século XIX e é tradicionalmente o “pior” imbatível. Estas avaliações mudam, claro, com o tempo, mas, hoje, é difícil não concordar com eles.

Na minha avaliação, há uma explicação para os desastrosos oito anos de Walter W. Bush na Casa Branca. Em casa e no exterior, ele seguiu o pior das tradições republicanas e conservadoras americanas, ao mesmo tempo em que renegou o que elas têm de melhor. Uma combinação que, a meu ver, ajuda a explicar esse período lamentável que foi sua administração.

Sua política ambiental ou trabalhista, por exemplo, foi a típica republicana, com o torpedeamento de todas as iniciativas para tentar diminuir a dependência americana do petróleo ou de alternativas energeticamente mais eficientes e menos poluentes, assim como de quaisquer benefícios ou proteção aos trabalhadores. Alguma coisa foi feita no tocante ao etanol, mas muito pouco. Não colocar empecilhos à iniciativa individual e, especialmente, às empresas, é um dos dogmas dos republicanos e liberais e não espanta que isso tenha acontecido.

Bush também não se preocupou em atacar outros problemas internos dos EUA, como a crescente desigualdade entre ricos e pobres; um sistema educacional que, apesar das ilhas de excelência que lideram a ciência mundial, está ficando para trás dos outros países desenvolvidos; a questão da imigração e, acima de tudo, o problema da saúde e sua acessibilidade aos mais pobres.

Claro que nem que sua administração quisesse poderia equacionar todos estes problemas. O que incomoda em Bush é que ele nem sequer tentou. Fiel, neste ponto, à tradição republicana e liberal de considerar que a natureza pouco importa frente aos lucros e que todos devem ser capazes de pagar pela sua educação ou tratamento médico (e que, se não puderem, azar), não se mexeu em nada e os problemas continuam. Eu estava nos EUA durante a campanha, aliás, e não havia tema mais candente na TV do que a do tratamento médico, pois, sendo a saúde quase que totalmente privada e caríssima, ficar doente lá é impraticável. Para os americanos, um sistema de saúde como o europeu, apesar dos seus

problemas, seria um sonho. A indiferença de Bush frente ao problema da saúde (ou quando do furacão Katrina) é emblemática de como a direita republicana vê os pobres.

Na política, por outro lado, sua administração não respeitou o “outro lado” da doutrina liberal, ou seja, aquela que defende os direitos individuais das pessoas e o Estado de direito. Graças à comoção do 11-9, várias leis inimagináveis em outras épocas foram aprovadas, fortalecendo o poder do Executivo e das agências de segurança. Ao mesmo tempo, a moral da direita cristã adquiriu nova força e, apesar de não conquistar o país, passou a incomodar os que não compartilhavam daqueles ideais e atrapalhar o avanço da ciência. Não vamos dizer que se instaurou uma ditadura no país, pois suas próprias tradições democráticas não o permitiriam. Mas houve um apelo à paranóia e ao desrespeito a lei, que permitiu Guantánamo e Abu Ghiraid.

Aliás, como assustava e assusta ver o clima de paranóia em emissoras pró-Bush como *Fox News* e como impressiona, negativamente, chegar aos EUA hoje e não ver mais os agentes da imigração, mas os do *Department of Homeland Security*, com um uso de termos que lembra Estados autoritários, o que não é o caso dos EUA. Uma mudança só explicável pelo 11-9 e por um grande desejo de poder e maior controle das pessoas pelo governo Bush. Até certo ponto, compreensível e justificável, mas, dentro da tradição liberal, no mínimo espantoso ou hipócrita.

Sua política econômica também foi a típica republicana, mas só até certo ponto. Sua ênfase sempre foi o corte de impostos, especialmente dos mais ricos, a espera que a cornucópia deles se enchesse e derramasse prosperidade em toda a sociedade. Irritante, aliás, ver o candidato John Cain (de resto, uma figura respeitável) responder qualquer pergunta sobre soluções para a crise econômica com o mantra do corte de impostos. Em alguns casos, diminuir a carga tributária pode ser necessário e até justo, mas não pode ser a resposta para todo e qualquer problema. Além disso, o principal defeito dessa teoria é que a cornucópia dos ricos nunca enche o suficiente, o que gera concentração de renda e muito menos crescimento e prosperidade do que seria possível.

Ao mesmo tempo, outra parte do credo liberal, que prevê um Estado enxuto e com as contas em dia justamente para não atrapalhar o andamento dos mercados, foi esquecida. Cortes foram feitos em despesas sociais, mas insuficientes para compensar a diminuição das receitas e uma explosão de gastos na área militar e em segurança. Alguns desses gastos seriam até justificáveis, mas não no nível que chegaram.

Como resultado, um presidente que deveria, em teoria, diminuir o tamanho do Estado e perseguir o equilíbrio fiscal, o aumentou em certas áreas e fez o superávit dos anos Clinton se tornar um enorme déficit. O que realmente salva os EUA é que, como o dólar é moeda de reserva mundial, eles podem imprimir montanhas dele para pagar as suas despesas e exportá-lo para o resto do mundo. Dessa forma, eles enviam sua inflação potencial para fora e conseguem sustentar seus déficits público e comercial. Mas isso não poderá durar para sempre e Bush só piorou o problema, já antigo.

Onde Bush seguiu fielmente a cartilha liberal foi em não permitir nenhuma regulamentação dos mercados, como se fazer isto fosse a chegada do comunismo na América. Os mercados financeiros norte-americanos sempre foram dos mais desregulamentados do mundo e uma tradição do país não vigiá-los demais. Mas havia alguns mecanismos, desde os anos Roosevelt e antes, que poderiam ter sido usados para impedir problemas maiores, mas isso não aconteceu. Culpa exclusiva da administração Bush? Não, pois até o governo Clinton, embarcando na onda neoliberal, já havia renunciado a um papel mais ativo na regulamentação do mercado financeiro. Mas Bush e sua equipe conseguiram piorar ainda

mais as coisas ao acreditarem, ou fingir acreditar, que os mercados se auto-regulam e que ninguém precisa fazer nada para evitar crises como a atual.

Em última instância, na verdade, os liberais que defendem esta proposição não estão cem por cento errados. Em alguns casos, intervenções estatais podem atrapalhar o equilíbrio dos mercados (e parece que algumas iniciativas do governo Clinton em apoiar a compra de imóveis pelos mais pobres se encaixariam nessa categoria, ainda que sejam secundárias na explicação do atual colapso) e os mercados são sim capazes de se auto-regular. Vejamos a crise atual. Se deixarmos que as forças de mercado atuem, empresas, bancos e pessoas que fizeram escolhas erradas quebrarão ou morrerão de fome e outras empresas, bancos e pessoas, mais espertas ou sortudas, crescerão e tomarão seu lugar, numa “destruição criativa”. Depois de um período de turbulência e sofrimento, virá uma nova fase, de crescimento.

Este é realmente um padrão do capitalismo, cujas fases de crescimento parecem ser regularmente sucedidas por crises de superprodução e especulação que culminam num colapso geral, o qual rearticula as forças econômicas para o recomeço. Não seria diferente desta vez e não será o fim do sistema. O problema central é que as empresas não querem quebrar, as pessoas não desejam perder seus empregos e morrer de fome e os governos não aceitam pagar o preço político dessa acomodação.

Assim, todos correm em busca do Estado e dos fundos públicos, o que, pela doutrina liberal, é um completo absurdo. E, realmente, é a socialização dos prejuízos quando os lucros do passado foram apenas privados. Mas, para o conjunto da sociedade, acaba sendo o mal menor, e, nesta hora, todo mundo esquece os pruridos ideológicos que foram úteis em outros momentos e corre em busca de socorro. Teria sido muito mais econômico e menos doloroso não permitir que as coisas tivessem chegado a este ponto e mais regulamentação talvez não tivesse impedido o problema, mas, no mínimo, poderia tê-lo aliviado.

Na política externa, faço a mesma avaliação que fiz sobre a interna. Em alguns pontos, a tradição republicana foi seguida. Em outros, esquecida, numa combinação desastrosa para o mundo e para os Estados Unidos.

A tradição republicana e liberal defende o livre comércio como forma de desenvolver e aproximar os povos e o máximo de realismo possível, ou seja, uma defesa intransigente dos interesses nacionais dos EUA, sem grandes remorsos ou dúvidas, e aplicação dos recursos nacionais apenas quando estes estão em jogo.

Mesmo sem entrarmos na discussão sobre as vantagens ou não do livre comércio para o desenvolvimento, o que já fiz em outros espaços, podemos ver como Bush seguiu este mantra. Mas o fez seguindo a tradicional hipocrisia que é a característica do comércio internacional. Ou seja, quando havia vantagens potenciais para os EUA, o comércio devia ser livre. Mas, se a vantagem era do outro lado ou havia a necessidade de agradar algum aliado político interno, protecionismo era aceitável. Um jogo duplo que nem de longe é exclusivo dos republicanos (os democratas, normalmente, são ainda mais protecionistas), da administração Bush ou dos EUA, mas que ele continuou a seguir.

Ele também seguiu a tradição republicana de uso da força sem hesitação quando necessário. Mas a combinou com elementos que os antigos republicanos não aprovariam e nem aprovaram, como o total desprezo pelos aliados e amigos, num unilateralismo radical que diminuiu muito o prestígio dos EUA no mundo.

Além disso, ele permitiu que a política externa fosse influenciada por pensadores conservadores que, bem longe do padrão tradicional republicano, quiseram fazer guerra por ideais, para mudar o mundo pela força. O resultado é a guerra do Iraque, que trouxe benefícios ao mundo (como a eliminação do odioso regime Hussein), mas não colaborou realmente para eliminar a ameaça do terrorismo e representa um vespeiro dentro do qual os EUA não precisavam ter entrado e não sabem como sair.

A desarticulação mundial da rede terrorista de Osama Bin Laden e a Guerra do Afeganistão provavelmente se classificariam dentro do padrão de uma guerra de defesa contra um inimigo real e é mais justificável, pelo que não espanta que tenha sido apoiada inclusive pelos democratas e pelos aliados de Washington ao redor do mundo. O problema é que o Iraque desviou o foco e a guerra lá também se arrasta, em mais um passivo do governo Bush.

Em resumo, combinando o pior da tradição republicana e liberal e rompendo com o que de melhor há nessa tradição, Bush conseguiu fazer o que parecia impossível, ou seja, levar boa parte do povo americano ao desânimo, a economia mundial a uma severa crise e o país ao pior momento de sua história em termos de prestígio internacional. Uma herança horrível para oito anos que pareciam que nunca iam terminar.

Mas, na verdade, talvez ele tenha deixado algo bom. Sem o 11-9 e Bin Laden, as chances de Bush se reeleger em 2004 teriam sido mínimas. Do mesmo modo, sem o desastre de Bush, a eleição de Obama em 2008 também seria quase impossível. Seus dotes como político, capaz de derrotar a máquina política dos Clinton e, depois, a força da direita cristã e de outros inimigos dos democratas, são inegáveis. Seu carisma e habilidade em se apresentar como o iniciador de uma nova era e como o candidato de todos os americanos, e não apenas dos negros, também são impressionantes. Mas, em 2000 e menos ainda em anos anteriores, provavelmente não seria suficiente para levá-lo à Casa Branca. Um mundo alternativo em que Al Gore tivesse vencido a eleição de 2000 (como, na realidade, venceu, se lembrarmos da provável fraude na Flórida) teria sido bem melhor, mas, nesse mundo, um fenômeno como Obama não teria acontecido. Resta agora verificar como o novo presidente vai lidar com o imenso passivo e os grandes desafios deixados por Bush, o que tentarei indicar no próximo artigo.